

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS:—ANSELMO DE SOUZA E PALERMO DE FARIA

Publicações

Annuncios, cada linha, typo commum.	30 réis
Comunicado.	60 »
Reclamos	100 »
Artigos	200 »

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros	600 »
Numero avulso	50 »
Paizes da união postal, 24 numeros	1.000 »

Quinta feira 19 de novembro de 1896

RESUMO

As sociedades de tiro, por FURETIÈRES.—Exemplo a seguir—Caçada no Caramulo.—Concurso de tiro civil.—Teremos bicudas este anno, por B. DE SÁ.—Uma caçada aos coelhos em barco, por TH. COELHO.—Estação principal do Porto, por B. DE SÁ.—Caçada aos patos.—As codorizes e o defeso, por J. RIBEIRO.—Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

AS SOCIEDADES DE TIRO

O *Tir National* transcreve do *Soleil* o artigo, que em seguida publicamos, e que merece a attenção de todos quantos se interessam pelo tiro civil, por isso lhe damos o primeiro logar.

E' n'estes termos:

«Não se tratava hontem, na Sorbonne, d'esses atiradores que mostram a sua dextreza sobre inoffensivos pombos, sem outro fim que não seja distrahir a sua ociosidade. Os laureados que iam solemnemente recompensar tem, habituando-se a manejar uma arma de fogo, espingarda, carabina ou pistola, fim mais elevado e que nos interessa muito. Hoje, com as armas de precisão, sabe-se o que valem n'um corpo de tropas os homens exercitados e que visam um alvo quasi com certeza de acertar. A precisão d'um atirador não atesta unicamente a sua habilidade, prova tambem serenidade e vontade. Que uma companhia, um regimento tenha muitos atiradores bons e a sua força será quadruplicada, os resultados das suas demonstrações mais efficazes.

«Na Suissa, onde é preciso instruir depressa o soldado, habitua-se os rapazes ainda muito novos a manejar uma arma, a servir-se d'ella, a desarmal-a e a armal-a, de sorte que, quando chega o alistamento, o defensor do paiz está no caso de ser utilizado e de se defender.

«Assim, em cada cantão, em cada comuna, existe uma sociedade de tiro, uma carreira onde os homens de todas as edades, moços e velhos, se encontram e se exercitam. Haverá melhor maneira de manter o patriotismo e assegurar defensores ao paiz? Vem um ataque do inimigo dirigido contra o territorio, os moços formam o exercito activo e saberão proteger a fronteira, e se por desgraça fosse invadida, o inimigo encontraria na mais pequena choupana homens resolutos que saberiam incommodal-o nos seus movimentos, causar-lhe perdas cruéis, contel-o talvez, tornando-lhe impossivel a permanencia.

«Outr'ora, em França, as companhias d'arheiros e bésteiros existiam tambem em todas as cidades. Desappareceram depois da revolução. Então, todos foram mais ou menos soldados durante dezoito annos, e não havia nas aldeias senão os enfermos e os invalidos. Voltou a paz, despresaram os antigos usos. A guarda nacional por outro lado, substituiu um pouco as forças locais, mas sabe-se em que se tornou essa instituição muito pre-

occupada em representar um papel no interior, perdendo a pouco e pouco de vista o seu verdadeiro fim. Foram precisos os desastres de 1870 e 1871 para que se comprehendesse a necessidade de reconstituir as sociedades de defeza. Deram o exemplo os departamentos de leste; em muito pouco tempo, como por encanto organizaram-se em todas as cidades fronteiriças, em Franche-Conté, em Lorraine, sociedades de tiro formadas de antigos soldados e de rapazes que desejavam iniciar-se no mister das armas. As outras partes da França não tardaram em seguir a corrente e em breve o solo se cobriu de associações analogas. Appareceram nas ceremonias, tomaram parte nas solemnidades, de clarins á frente como um novo exercito, o viveiro ou o auxiliar do outro, do grande, d'aquelle que reorganisámos e que aclamámos ha pouco.

«Mas estas pequenas sociedades dispersas tinham falta de recursos, vegetavam, não tendo ainda a organização que lhes convinha. Foi então que Paul Déroulède —é preciso recordal-o— se lembrou primeiro, se não d'uma federação, pelo menos d'uma especie de união que gruparia todas estas forças, augmentando-lhes a utilidade por meio de concursos, de campionados, da protecção do Estado e com o seu apoio effectivo sob diversas formas.

«A partir de 1889, a União Nacional ficou fundada e, actualmente, quatrocentas sociedades, isto é dois terços das associações, adheriram aos seus estatutos, a respeito dos quaes fallaremos na primeira occasião.

Todos comprehendem bem de que importancia é esta instituição e que papel é chamada a desempenhar quando se tratar de modificar a nossa organização militar, reduzir o serviço sem prejudicar a defeza do paiz, fortificando-a até.

«Hoje a União Nacional das Sociedades de Tiro é uma grande obra patriótica cujo desenvolvimento o paiz segue com o mais vivo interesse.

«Não foi, pois, sem espanto que a numerosa assembléa reunida hontem na Sorbonne para assistir á distribuição dos premios aos laureados do ultimo concurso, o quinto, que se realizou em Satory e cujo exito foi tão grande, ouviu da bocca do sr. Merillon, presidente da União Nacional, que esta não estava ainda classificada como estabelecimento de utilidade publica. Verdade é que o sr. Barthou, ministro do interior, que occupava a presidencia, tendo aos lados o representante do ministro da guerra e do ministro de instrucção publica, declarou formalmente que pela sua parte não deixaria de apressar a decisão do conselho de Estado. No discurso que pronunciou, o ministro do interior teve um feliz momento de eloquencia quando sublinhou o fim ideal para que se dirige a União Nacional das Sociedades de Tiro: «Tendes a felicidade, disse elle dirigindo-se aos membros d'esta associação, de fazer fluctuar

bem alto, acima dos partidos, as côres da bandeira nacional.» São bellas e boas palavras estas. O sr. Barthou teria podido acrescentar que a bandeira fez o milagre de unir todos os corações. Porque não a teremos sempre deante dos olhos?

«Será precisamente a obra das sociedades de tiro approximar todos os francezes n'este sentimento commum que anima todos os patriotas. E é por isto que a imprensa de todos os partidos lhes prestou sempre o seu ardente concurso, como testemunhava o sr. Merillon. Com viva satisficção, soubemos que d'aqui em diante o tiro entrará no programma das escolas e dos lyceus. Já se fizêram os ensaios de campionados em todos os grãos e deram excellentes resultados. Quando o ensino da gymnastica tiver tomado o desenvolvimento que se reclama, formar-se-hão gerações vigorosas, e cada cidadão, na sua maioridade, estará no caso de pegar em armas, fazer respeitar o territorio e assegurar a integridade das fronteiras.

FURETIÈRES.»

EXEMPLO A SEGUIR

O sr. José Barreto Caldeira Castel-Branco, digno administrador do concelho de Alter do Chão, que por mais de uma vez tem dado provas do zelo com que cumpre a lei, mandou apprehender 16 coelhos, a um caçador que os tinha apañhado em ratoeiras.

O artigo 8.º do regulamento de caça, além de prohibir a caça em ratoeiras, manda applicar a multa de 4\$000 réis ao contraventor.

Se os outros administradores de concelhos, procedessem como o sr. Castel-Branco que grande beneficio seria a bem da abundancia da caça; os homens das ratoeiras começariam a rarear e a ter que mudar de vida.

Caçada no Caramulo

Do nosso collega *Estrêlla Povoense*, da Povoia de Varzim:

«D'uma carta particular que recebemos d'Agueda, destacamos os seguintes periodos relativos a uma caçada que 6 caçadores d'aquella villa realisaram na serra do Caramulo.

No decorrer da batida, que durou 3 dias foram mortas 26 perdizes, 2 lebres, 1 coelho e 1 gallinhol.

Os denodados êmulos de Nemrod, com o appetite aguçado pelo exercicio cynegetico e pela saudavel viração da montanha, devoraram uma vitella, as 2 lebres e o coelho que mataram e grande quantidade de açôrda, tudo bem regado com grande quantidade de liquidos!

Voltaram satisfeitos, é verdade, mas lastimando immensamente a falta de caça.

Pouca, ou quasi nenhuma apparece. A intempérie de maio matou muita criação.

Appellam em ultima instancia, para as «escuridões da Conceição», epocha em que costumam chegar as gallinholas.

Até lá vão nutrido boas esperanças.»

CONCURSO DE TIRO CIVIL

B.M.

15 de novembro de 1896

Promovido pela Associação dos Atiradores Civis Portuguezes commemorando o 3.º anniversario da sua fundação

N.º de ordem	Atiradores premiados	Associação ou grupo a que pertencem	Alvos			Total das balas acertadas
			Circular		Figura de joelhos	
			1.ª zona	2.ª zona		
1.º	Ignacio José Franco.....	A. C. P.	4	4	8	16
2.º	Luiz Correia Saraiva.....	A. C. P.	2	7	7	16
3.º	Roberto Rogemnosér.....	G. S.	3	4	7	14
4.º	Luiz Fausto Guedes Dias.....	—	3	6	5	14
5.º	Antonio Gonçalves Santhiago.....	A. C. P.	0	4	10	14
6.º	João Torres.....	A. C. P.	5	2	6	13
7.º	Duarte M. Ferreira.....	A. E.	2	5	6	13
8.º	Pedro Franco.....	A. C. P.	4	5	3	12
9.º	Gil Vasques da Cunha Portocarrero.....	A. C. P.	3	3	6	12
10.º	Gonçalo Heitor Ferreira.....	G. P.	2	6	4	12
11.º	Augusto Seixas.....	—	1	4	7	12
12.º	Nicolau Taylor Vianna.....	A. E.	0	6	6	12
13.º	Joaquim Fernandes de Freitas.....	G. P.	3	4	5	12
14.º	Joaquim Carrilho Garcia.....	A. C. P.	3	2	6	11
15.º	Firmino Antunes Barata.....	G. L.	2	2	7	11
16.º	Antonio Dias Falagueiro.....	A. C. P.	2	3	6	11
17.º	Eduardo David da Silva.....	A. C. P.	1	3	7	11
18.º	Ligorio Silvestre da Silva.....	A. C. P.	5	2	3	10
19.º	Manuel Rodrigues Formosinho.....	A. C. P.	2	4	4	10
20.º	João Callais Grillo.....	—	1	6	3	10
21.º	Gonçalo Julio Figueira.....	G. L.	0	5	5	10
22.º	Joaquim de Sousa Padesca.....	A. C. P.	3	3	3	9
23.º	José Thomaz Coelho.....	A. C. P.	2	2	5	9
24.º	Alfredo Lopes d'Azevedo.....	G. P.	2	2	5	9
25.º	Manuel Soares Corrêa.....	G. A.	2	2	5	9

O numero total dos concorrentes foi de 90: tendo acertado nos alvos 2 com 16 balas; 3 com 14; 2 com 13; 6 com 12; 4 com 11; 4 com 10; 11 com 9; 13 com 8; 4 com 7; 8 com 6; 8 com 5; 6 com 4; 5 com 3; 7 com 2; 3 com 1; 4 não empregaram bala alguma nos alvos.

Houve desempate entre os srs. José Thomaz Coelho e Alfredo Lopes d'Azevedo fazendo cada um 5 tiros, tendo o primeiro acertado com 2 balas e o segundo com 1; fãtaram ao desempate com estes dois atiradores os srs. Manuel Soares Correa e Alberto Affonso Loureiro e havendo ainda um premio para distribuir tirou-se á sorte para ser entregue a um dos atiradores que não haviam feito a série de 5 tiros. Coube a sorte ao sr. Manuel Soares Corrêa.

- 1.º premio — 40\$000 réis; premio *Anselmo de Souza*, (uma salva de prata) e medalha de vermeil da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, conferido ao sr. Ignacio J. Franco.
- 2.º premio — 20\$000 réis; medalha de prata da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, ao sr. Luiz Correia Saraiva.
- 3.º premio — Um copo de crystal com guarnição de prata, ao sr. Roberto Rogemnosér.
- 4.º premio — Um relógio d'áço, ao sr. Luiz Fausto Guedes Dias.
- 5.º premio — Um gallo da louça das Caldas, de Raphael Bordallo Finheiro, medalha de cobre da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, ao sr. Antonio Gonçalves Santhiago.
- 6.º premio — Uma garrafa de crystal para quatro licores, ao sr. João Torres.
- 7.º premio — Uma pasta de couro da Russia com cantos de prata, ao sr. Duarte M. Ferreira.
- 8.º premio — Um album com desenhos militares, ao sr. Pedro Franco.
- 9.º premio — Um grupo em barro — *Uma lição de trompa* — ao sr. Gil Vasques da Cunha Portocarrero.
- 10.º premio — Um jarão da louça das Caldas, de Raphael Bordallo Finheiro, ao sr. Gonçalo Heitor Ferreira.
- 11.º premio — 200 cartuchos Kropatchek, ao sr. Augusto Seixas.
- 12.º premio — Um relógio de aço, ao sr. Nicolau Taylor Vianna.
- 13.º premio — Um par de castiças, ao sr. Joaquim Fernandes de Freitas.
- 14.º premio — Uma bengala com castão de dente de hypopotamo, ao sr. Joaquim Carrilho Garcia.
- 15.º premio — Um par de botas de caça, ao sr. Firmino Antunes Barata.
- 16.º premio — Um album em branco, ao sr. Antonio Dias Falagueiro.
- 17.º premio — Um estojo de escriptorio, ao sr. Eduardo David da Silva.
- 18.º premio — Uma bilheteira de metal branco, ao sr. Ligorio Silvestre da Silva.
- 19.º premio — Um cantil, ao sr. Manuel Rodrigues Formosinho.
- 20.º premio — Um corta charutos, ao sr. João Callais Grillo.
- 21.º premio — Um pisa-papeis, ao sr. Gonçalo Julio Figueira.
- 22.º premio — Um termometro em metal branco, ao sr. Joaquim de Souza Padesca.
- 23.º premio — Um par de pratos em baixo relevo, ao sr. José Thomaz Coelho.
- 24.º premio — Uma duzia de pares de meias, ao sr. Alfredo Lopes d'Azevedo.
- 25.º premio — Um tinteiro, ao sr. Manuel Soares Corrêa.

Os premios foram distribuidos pelo sr. Ministro da guerra, não tendo El-Rei podido assistir ao concurso em consequencia da recepção no palacio de Cascaes para cumprimentar S. M. pelo anniversario natalicio do sr. infante D. Manuel.

O jury foi composto pelos srs. José Martinho da Silva Guimaraes, representando a Camara Municipal de Lisboa; dr. Cunha Belem, da Associação dos Atiradores Civis Estrella; o sr. tenente-coronel Raposo Botelho, capitães Nunes Gonçalves, Narchial de Carvalho e Jeronymo Rollo e Palermo de Faria pela Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

O concurso começou ao meio dia e terminou ás quatro e meia da tarde. O dia estava ventoso e muito desagradavel

- A. C. P. — Atiradores Civis Portuguezes.
 A. E. — Atiradores Civis «Estrella».
 G. S. — Grupo Suiso.
 G. P. — Grupo Patria.
 G. L. — Grupo Lisbonense.
 G. A. — Grupo do Atheneu Commercial.

TEREMOS BICUDAS ESTE ANNO?

(Continuado do n.º 83)

PARA NOS provar a importância d'uma tal selecção, Nerval contava a historia d'um ministro plenipotenciario, encarregado d'uma missão delicadissima, que deveu ao seu cozinheiro o bom exito que por fim obteve.—Era a questão um tratado com a cõrte da Allemanha, para com a qual todas as instancias tinham sido infructuosas até esse momento.

Uma manhã, o ministro, desesperado, occupava-se em escrever ao seu governo, dando conta da inutilidade dos seus passos. Preoccupado como estava, não tinha ainda reparado que o almoço lhe tinha sido trazido para o gabinete e que alli o esperava, havia já alguns minutos, sobre uma mezinha.

N'isto o porteiro annunciava o conde de X... um grande personagem da cõrte, e que era justamente o homem de quem dependia a conclusão do negocio que trazia tão cheio de cuidados o nosso diplomata. Este, ao erguer-se, dá com os olhos na meza e colloca-a apressadamente atraz d'um pequeno biombo.

Vinha o conde referir ao ministro que as coisas estavam ainda no mesmo pé em que haviam ficado na vespera, e que, provavelmente, não era de esperar que o seu resultado final lhe fosse satisfactorio.

Durante a conversação, parecia o conde possuido d'um vago desassoçoço: dilatavam-se-lhe as ventas, como se tivesse sentido algum perfume estranho de que procurava explicar-se a procedencia. Para melhor esclarecer as suas duvidas, disse ao diplomata com uma buhomia perfeitamente allemã:

—leis almoçar, sr. ministro, e eu vim importunar-vos n'uma occasião tão impropria, não é verdade?

—Francamente, sr. conde, não buscarei occultar-vos que preoccupado como estava com o meu trabalho, ordenei que me servissem o almoço no gabinete.

—Tinha suspeitado isso mesmo— torna o outro — porque para mim é fóra de duvida que icis comer uma excellente gallinhola. Senti-lhe o cheiro logo ao entrar a porta.

—Mil perdões, sr. conde, eu chamo para levarem embora...

—Por quem sois, isso de maneira alguma; eliminar uma gallinhola! E' coisa que nunca se deve fazer, isso é impossivel, sr. ministro; uma gallinhola não deve esperar, precisa de ser comida logo ao sahir do especto. Como védes eu sei alguma coisa, tambem sou amador.

—Effectivamente vejo que v. ex.ª é um fino conhecedor.

—Prezo-me d'isso, sr. ministro; mas sentae-vos á meza, d'outro modo obrigae-me a retirar immediatamente.

—Dignae-vos pois, sr. conde,—retorquiu o ministro, a quem uma centelha illuminara rapidamente o espirito — dignae-vos conceder-me a honra de aceitar o meu almoço para julgar se em minha casa sabem cozinhar bem a gallinhola, que por certo muito se de deve ter aborrecido vendo-se só atraz d'aquelle biombo.

—Acceito— tornou elle — acceito agradecido por saber de que ave se trata, pois de nenhum modo queria privar-vos d'uma peça tão delicada, tão fina, como é a gallinhola, servida depois d'uma comida tão indigesta.

—Parece-me acertado banhal-a com vinho de Ermitage— voltou o ministro sentando-se *vis-à-vis* do seu entusiasta commensal.

Quando mettia á bocca a derradeira fervera da gallinholá, despejando em seguida o ultimo copo do velho vinho da Drôme, o conde olhou fixamente para o seu amphitryão, e disse-lhe com uma physionomia amavel e sorridente:

—Estaes então persuadido, sr. ministro, de que esse tratado traria vantagens reciprocas para as duas nações?

—Estou certo, sr. conde. V. ex.^a sabe que o paiz que eu tenho a honra de representar não tem por costume talhar para si a parte do leão—disse o ministro com dignidade; tivemos sempre em mór conta a nossa gloria do que os nossos interesses.

-- Pois bem — concluiu o allemão. — Confio na vossa palavra, e accetite a minha de que ordenarei que seja assignado esse tratado, em sahindo d'aqui.

Foi de facto assignado o tratado e o ministro pôde endereçal-o ao seu governo na tarde d'esse mesmo dia.

Suscitaram-se grandes duvidas sobre se seria o ministro ou o cozinheiro quem tinha sido mais circumspecto diplomata no caso em questão. Gérard de Nerval acrescentava, por gracejo, que a pendencia estava ainda para ser resolvida, mas que o que era inquestionavel é que a gallinholá muito contribuíra para a conclusão d'este negocio.

Eu, do que estou sériamente convencido é que a gallinholá era das d'outomno e não de primavera.»

As que são mortas e cozinhadas na primavera, as que são mortas no *defeso*, devem ser, como as codornizes, insulsas, desappetitosas, e devem indispôr, mesmo quem as come; devem, portanto, produzir resultados bem contrarios áquelles que produziu a gallinholá do ministro, que foi morta quando o devia ser.

«A gallinholá da primavera, diz A. de la Rue, é indigna d'um sabio apreciador de bons petiscos.»

A codorniz da primavera, e mesmo a de junho e julho, vou eu tambem dizer, é só digna d'aquelle que a mata e d'aquelle que a come—quem gosta de matar e de comer caça fóra do seu tempo, não pôde ser um bom gastronomo, nem tambem bom caçador.

Porto, novembro 7 de 95.

B. DE SÁ

UMA CAÇADA AOS COELHOS EM BARCO

QUASI que com igual titulo noticiaiva o *Petit Journal* da semana passada esta maneira de caçar tão pouco vulgar e curiosa.

As ultimas chuvas, que em França foram nos mezes de outubro e principios de novembro bem copiosas, originaram quasi que repentinamente a subida do nivel normal das aguas do Sena, o que ha bastant tempo já não acontecia; e á proporção que as aguas iam inundando as suas margens um facto curioso se dava em *Confans*—*Saiente*—*Honorine*, e principalmente na ilha de *Andrésy*.

A maior parte d'estas ilhas, das quaes algumas conheço, offerecem uma superficie consideravel aonde ha caça indigena; e em invernos rigorosos a de arribação abunda em grande quantidade; chegando n'algumas o direito de caçar a ser alugado por preços bem elevados.

Mas entre todas as especies de caça indigena sem duvida uma das que alli mais abunda são os coelhos, que segundo a opinião de *M. De La Rue* tem em França uma influencia eleitoral importante que

acresce nos departamentos mais proximos da capital como por exemplo no de *Seine-et-Marne* aonde *Melun* gritou:—*A bas les lapins!*... com o mesmo entusiasmo como em 1793 se gritava:—*A bas les aristocrates!*...

Mas a agua sempre crescendo (continua ainda o *Petit Journal*) bem depressa cobriu as partes menos elevadas das ilhas, forçando os infelizes coelhos a occupar os pontos mais altos, para assim escaparem á invasão do novo inimigo por elles desconhecido e que tanto os intimidava.

Rapidamente esta noticia correu entre os caçadores de Paris e não tardou muito, em que varios barcos conduzissem ás ilhas mais proximas grande numero de caçadores e muito principalmente á ilha de *Andrésy*.

Em pouco tempo, apenas uma hora e dez, dois caçadores conseguiram matar 47 coelhos!

Alguns barqueiros tambem se improvisaram caçadores podendo um agarrar 15 coelhos vivos, que se achavam refugiados em cima d'uma enorme sarça d'um espinheiro.

Mas esses caçadores de *emprestimo* não escaparam á vigilancia dos guardas campestres e cantoneiros que capturando alguns os obrigaram em sitio apropriado a dar liberdade aos coelhos, multando um e prendendo dois por recalcitarem, pois em França sabe-se fazer respeitar a lei, o que desgraçadamente por cá não acontece ainda; e quem sabe quando acontecerá!!

Novembro de 96.

TH. COELHO.

ESTAÇÃO PRINCIPAL DO PORTO

ENÓS, os caçadores, havemos de ficar silenciosos, frios, indifferentes á inauguração da linha urbana de S. Bento a Campanhã? Então, nem ao mence duas palavras de louvor merecido e d'agradecimento justo para aquelles que mais contribuíram para que fossemos dotados com um melhoramento tão grandioso? Seria bonito, se ficassemos calados, se reprimissemos o contentamento que nos vae n'alma por essa obra que tanto nos interessa, que tanto nos convem, em vez de o expandirmos leal e francamente, como prova do nosso reconhecimento aos auctores d'ella?

Não! Seriamos ingratos se permanecêssemos por mais tempo emmudecidos, se retrahissemos, se retardássemos mais sequer, esse reconhecimento que nos inspira a gratidão.

A linha ferrea de Campanhã ao coração do Porto trouxe regalias e vantagens para todos, e a festa justa, d'alegria, que por isso échoa ainda na cidade, é uma festa unanime e não uma festa parcial.

Assim, do peito dos caçadores portuenses explodiram já manifestações de jubilo que se confundiram com as manifestações de todos. Mas devem limitar-se sómente a isso os caçadores, sendo a sua classe das que mais lucra com a realisação de tão monumental empreendimento?

Quando o sr. José Maria Ferreira, iniciador do importante melhoramento, deu os primeiros passos para se assentar n'esta cidade a linha que vem de ser inaugurada, os caçadores d'aqui entraram logo a rejuvilar-se e encomendaram logo a Santo Huberto as estancias d'aquelle grande benemerito da nossa terra; nunca ontaram, porém, com o ver um dia realizadas aquellas aspirações que tambem eram as suas.

laborioso cavalheiro, os estudos da linha urbana fizeram-se, e tornaram-se reaes, e os caçadores do Porto, como todos os seus concidadãos, ahí têm essa grande commo-didade, de que tanto careciam, a dispensal-os da grande travessia que necessitavam de fazer, d'um extremo ao outro da cidade, quando, para effectuarem os seus passeios venatorios, tinham de procurar a estação de Campanhã.

A outro trabalhador infatigavel, cujo animo lhe não permite recuar ante a maior difficuldade, ao sr. Ezequiel Vieira de Castro, digno, activo e habilissimo presidente do *Centro Commercial do Porto*, devem os caçadores portuenses a linha de Campanhã a S. Bento. Não ha ninguem que desconheça os seus esforços, a sua grande insistencia para com os poderes publicos a fim de se realizar a grande obra; não deve, pois, haver ninguem que lhe não seja agradecido, que deixe de tributar veneração aos seus reconhecidos merecimentos.

Sabemos que se deve muito aos tres ultimos e nobres ministros das obras publicas, ao sr. conselheiro Justino Teixeira e a outros cavalheiros ainda a realisação da nossa linha urbana; mas, tél-a-iamos agora se não fosse o seu iniciador, o sr. José Maria Ferreira, e o seu valoroso e persistente impulsor, o sr. Ezequiel Vieira de Castro?

Porto, novembro de 96.

B. DE SÁ.

CAÇADA AOS PATOS

NA Lagoa, entre Ervideira e Coimbra, realisou-se no domingo, 15 do corrente, uma caçada aos patos bravos.

Foram muitos os amadores que em 6 barcos, fizeram a caçada dirigidos habilmente pelo sr. Manuel Leal, um dos promotores de tão bello exercicio; morreram 27 patos.

O almoço que foi cosinhado n'um pinhal proximo e ali mesmo servido, era magnifico e deu logar a que, no meio da mais franca alegria, se trocassem muitos brindes.

Uma bella festa como são todas as que se fazem nas caçadas.

As codornizes e o defeso

PONTO FINAL! Pobres codornizes. Agora é que, a *meia duzia dos que fecharam os olhos e os ouvidos*, para não verem nem ouvirem a argumentação cerrada dos seus adversarios, *bras dessus, bras dessous*, com a *troupe dos espiritos doentios*,—que são mais bastos do que os cogumelos, no nosso bom paiz, vai queimar toda a sua cartucharia, para ver se consegue uma coisa racional e justissima:—*que haja defeso para as codornizes durante o periodo da criação*, que é o mesmo que dizer desde que entram, e até o seu desenvolvimento, podendo então dar-se-lhe caça unica e exclusivamente nas regiões que ellas abandonam depois da criação e d'estarem aptas para se porem ao fresco, e por tanto muito nos casos de levarem uma chumbada.

Isto é o que desejam a meia duzia dos reprobos, e a tal phalange d'espiritos doentios, que não tem olhos de ver nem ouvidos d'ouvir—*musica má e monotona*—e que o *maestro* do norte não quiz mais deliciar com as suas composições entendendo que não deve gastar cêra com ruins defunctos.

Eu por mim resigno-me, e até acho bem. Agora já posso abrir a torneira dos ouvidos para ouvir, e a dos olhos para ver e chorar. Mas as codornizes não se conformam, nem resignam tão facilmente.

Nos seus arraias, as duas lugubres palavras «*Ponto final*» do seu invencível campeão soaram tristemente e afflictivamente, como as funebres badaladas de lendário sino em érma torre espectral annunciando pela calada de tempestuosa noite a morte de misteriosa castellã.

Ao principio, como que ficaram paralisadas, e fez-se profundo silencio, o silencio precursor dos graves acontecimentos, das grandes tormentas.

Depois, vieram os commentarios azêdos das menos timoratas e mais palreiras, e aquelle, ainda grande, exercito alado principiou a agitar-se tumultuariamente.

Ouviu-se então a voz do general em chefe, um formoso *macharrão*, mandando reunir em conselho os *macharrões* môres. E depois de viva discussão, ficou resolvido fazer immediatamente a grande travessia para a sua patria.

Dito e feito.

O dizimado bando, que logrou escapar aos argutos planos e rudes combates dos heroes Vianna & C.^a, fez rapidamente os seus aprestos para a perigosa viagem, e, á voz de *marche* do seu general *macharrão*, feitas as despedidas ás mutiladas e ás mais novas, que não podiam acompanhalas, levantou vôo, e, n'um côro imponente, parodiando um celebre general romano, e com gesto apropriado ao casal que não sei se é tambem imitação do fero e patriótico general, gritou para todos os mar-nôtes estupefactos, tomando-os por caçadores *sans-culottes*: *ingrata gente, não saborearas mais nossa carne*.

E os êcos, n'uma toada plangente, foram repetindo longe, cada vez mais longe — não saboreará mais nossa carne... — nossa carne. —

Esqueciam-se que deixavam ainda, para prato de meio dos gulosos, as mutiladas, as adolescentes, as *indigenas* (?!), que, tristes, saudosas e apprehensivas pelo futuro, seguindo a sua via dolorosa sem o seu *cyreneo*, não se cansavam de repetir a lugubre phrase «*Ponto final*», e de cortarem a casaca do seu defensor.

Com a thezourinha de cortar distinguia-se uma, que mais coxeava, e que passava effectivamente, no pequeno bando alado, por ser a mais loquaz, mais sabedora e forte em parallelos historicos, e a mais letrada. Dizia ella, n'um tom vibrante d'indignação:

«Como o egoismo, o bem estar individual, o *savoir vivre*, tem feito mudar os homens!

Nos bons tempos que lá vão, e não voltam mais, de fé inquebrantavel e de vivas crenças, os homens que tinham um ideal purissimo, que defendiam uma ideia, um principio, quer em religião, quer em sciencia, que tinham pela sua patria verdadeiro e acrisolado amor, morriam entre os horrores das fogueiras, pregados na cruz, triturados, dilacerados atrocmente, e continham nas pontes, nas fortalezas, ás portas das cidades, os inimigos da sua patria até os golpes dos contrarios o fazerem dar o ultimo beijo no seu sóto querido; de grandes heroes passavam a grandes martyres; mas até ao ultimo alento saudavam o seu ideal; o seu *ponto final* era a morte.

Hoje, applicando *el cuento*, sem procuração nossa, e simplesmente para arranjar um passatempo, e quiçá celebridade, ha caçadores que quebram lanças pela nossa causa, que nos defendem á *outrance*, e que,

no mais accêso da peleja, quando se fazem projectos de lei de caça sobre o joelho, que a discussão, como cadinho purificador, deve aperfeiçoar, depurar, quando em fim se trata da nossa sorte, do nosso futuro, o nosso campeão do norte põe o seu *ponto final* na nossa defeza, quebra a corda ao seu realêjo, deixa a scena, e vai cachimbar para entre *los bastidores*!

E parece que já teve coração que se compadecia de nós, de nossos filhos, e até nos chamou innocentes avesinhas!

Pois agora, minhas amigas, no seu projecto de lei sobre caça, ou seja no seu «*Pequeno adjutorio para um projecto de lei sobre caça*», que, aqui para nós, é de se lhe tirar o chapêo e a cabelleira, passámos a ser «*animas damninhas*», e permite que nos dêem caça e morte vil em qualquer tempo, uma vez que a salvação da... barriga assim o exija!

Ouviram, vocês, carissimas companheiras: sómos *animas damninhas*, E' demais.

Coitadita, exaltou-se tanto, e ficou tão nervosa, que as companheiras tiveram de a socorrer, e ministraram-lhe um cordial qualquer, e não a deixaram proseguir, com grande pesar meu, porque não teria de ser tão extenso.

**

O «*Ponto final*» do sr. B. de Sá obrigou-me a revêr, com escrupolo, as minhas cartas sobre o *defeso das codornizes* para ver, se lhes encontrava qualquer referencia ou termo, que podesse melindral-o e esse exame deixou-me satisfeito, porque lhes não encontrei nada, pécha ou peccado, que me obrigue a penitenciar-me. Uns ligeiros beliscões, e mais nada.

Por isso estranhei, que o sr. Baptista me enfileirasse com cinco collegas, que não tenho a honra de conhecer, sem previa apresentação, e sem lhes dizer o meu nome.

Isto é um principio rudimentar de boa educação social, e eu não podia esperar que o sr. Baptista calcasse este preceito com os sapatos brochados, com que percorreu as alcantiladas serras do Douro.

Não querer continuar a cavaqueira, apresentar-me d'olhos fechados e ouvidos tapados em companhia d'outros cegos e moucos, e tão teimoso, ou branco, que só ouço e vejo o *contrario de tudo o que o bom criterio aconselha* não me melindra, nem entristece. O proprio sr. Baptista, por entre aquelles seus meandros tenebrosos, que elle pinta magistralmente, deixa entrever uma nesgasinha de luz, iris de sorridente esperança, que me rejubila: a cegueira-parcial parece, ha de passar, mesmo sem os elixires milagrosos do dr. Placido.

Ainda bem.

Custar-me-ia muito ter de renunciar ao prazer de ver, com os meus proprios olhos, os retalhinhos d'oiro, que o sr. Baptista, com a sua rara habilidade, costuma serzir nos seus escriptos. O retalhinho do nosso mavioso poeta, e distincto caçador de codornizes, Bulhão Pato, no «*Ponto final*» é mesmo oi-ro sobre azul.

(Bulhão Pato foi tambem um caçador distinctissimo de gallinholas e apreciador da ave, e, n'um folhetim seu, encontra o sr. Baptista preciosidades culinarias e venatorias, que lhe não devem escapar.)

E, reatando o fio partido: —

Não me apresentei para discutir, nem para conquistar sympathias, nem para fazer propaganda.

Vendo no artigo do sr. Baptista, uma injustiça para os caçadores das regiões

mais ao sul do nosso paiz, e não me conformando com as rasões fundamentaes d'essa injustiça, o meu espirito revoltou-se, e vim expôr, em amigavel e franca conversa, o que sentia, o que sinto ainda.

O sr. Baptista dignou-se descer das estancias luminosas em que vive, e «*conversando amigavelmente*» com este humilde verme, quiz ver se podia levar um raio da sua luz esplendorosa ao meu cerebro, a sua vista privilegiada aos meus olhos, a sua voz persuasiva aos meus ouvidos. Impossivel.

O milagre não se fez.

Então, perdida de todo a esperança de me converter, de me *espiritualisar*, e, não querendo desperdiçar mais cêra com tão ruim defuncto, levanto bruscamente vôo para as ethereas regiões dos espiritos divinaes, deixando o cego e o mouco ás *escuras*, e perfeitamente ás aranhas por este tão inesperado «*Ponto final*».

**

Não tendo assim quem me espere já para a cavaqueira, demorei, de proposito, a publicação d'alguns *considerandos* em favor da minha opinião, que deixei na minha bolsa de caça. Eil-os.

(Continúa).

Porto—16.

J. RIBEIRO.

ASSOCIAÇÃO DOS ATIRADORES CIVIS PORTUGUEZES

NA ultima reunião da direcção, realisada hontem, tratou-se definitivamente da abertura da matricula para as aulas de esgrima e gymnastica que, como já dissemos podem ser frequentadas gratuitamente pelos filhos, irmãos e sobrinhos dos socios, quando ainda nãc tenham completado 15 annos de idade.

Resolveu-se tambem que se fizesse proximamente uma sessão solemne destinada á distribuição das medalhas e diplomas de frequencia e applicação.

Não está por emquanto marcado o dia para esta sessão solemne, mas provavelmente será no domingo 29 do corrente, se não houver algum inconveniente que não permita realisar n'este dia a projectada solemniidade.

A direcção occupou-se largamente da necessidade de promover conferencias, destinadas a vulgarisar as vantagens que podem advir para o paiz da generalisação dos exercicios de tiro em todas as camadas sociaes, a exemplo do que se está fazendo em França e em outros paizes.

Esta idéa das conferencias é já antiga, mas infelizmente não tem sido possivel levar-a a effecto até agora. A direcção da *Associação dos Atiradores Civis Portuguezes* vae fazer n'este sentido nova tentativa; oxalá obtenha os resultados, que todos desejamos, e que tão uteis podem ser para os interesses da nação, para a defeza nacional e para a segurança e bem estar do paiz inteiro.

Resolveu-se tambem que o presidente da direcção, o sr. Palermo de Faria, fosse encarregado de ir agradecer ao sr. ministro da guerra a honra da sua presença no concurso de tiro de 15 do corrente e convidal-o para assistir á sessão solemne da Associação.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica
Rua de S. Paulo, 216